

Projeto de Pesquisa: **PATRIOTISMO EM PÁGINAS: O DISCURSO DA IMPRENSA PONTAGROSSENSE SOBRE A 2ª GUERRA MUNDIAL (1942- 1944)**

Caroline Loise Dähne ¹
Marco Antonio Stancik ²

INTRODUÇÃO

O historiador John Keegan (2006), ao buscar compreender o que é a guerra e como ela se configura na história da humanidade, a relaciona com a cultura, utilizando assim uma noção de Guerra Cultural. Para ele “a cultura é um fator determinante fundamental da natureza da guerra” (KEEGAN, 2006, p. 494). Roney Cytrynowicz (2000), também segue nessa perspectiva, para ele:

A guerra, além de mudar efetivamente o curso de uma vida, de milhões de vidas, engendra uma cultura própria, particular, em torno da guerra, com suas histórias de famílias, suas celebrações cívicas, monumentos que marcam a paisagem, condecorações e pequenas coleções de uniformes, armas, equipamentos, medalhas do inimigo. (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 17).

A Segunda Guerra Mundial provocou uma grande alteração no modo de vida das pessoas, na economia, nos mapas e em diversos outros setores da sociedade. Entre os anos de 1939 e 1945 o mundo passou por um de seus períodos mais conturbados, transformações ocorreram não só nas inovações da tecnologia bélica e estratégias de confronto, mas também na cultura da guerra. Entre outras de suas consequências, observa-se que ela também tendeu a conduzir ao envolvimento da sociedade como um todo.

O conflito foi marcado pelos grandes investimentos em tecnologias bélicas e estratégias de confrontos que possibilitaram um caráter de impessoalidade no combate ao inimigo. Essa característica ocasionou um grande número de mortes de civis que, além das situações precárias de racionamento de alimentação, muitas vezes eram mortos em bombardeios estratégicos que visavam precisamente atingir alvos de fundamental importância para os inimigos, como ferrovias, refinarias, fábricas, entre outros.

As maiores crueldades de nosso século foram as crueldades impessoais decididas a distância, de sistema e rotina, sobretudo quando podiam ser

Resumo: Ao longo da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e da participação do Brasil nesta, a imprensa brasileira, sob a supervisão do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), publicou diversos textos de cunho nacionalista, divulgando princípios alinhados aos ideais doutrinários do Estado Novo e apontados como necessários para um alinhamento da sociedade brasileira. Nas publicações de um jornal da cidade de Ponta Grossa (PR) são encontrados discursos semelhantes, os quais buscavam incentivar a sociedade ponta-grossense a partilhar seus sentimentos patrióticos, contribuindo assim para a vitória do país e seus aliados na guerra. O presente projeto objetiva investigar a abordagem de temas referentes à relação entre o Brasil e a Segunda Guerra Mundial presentes nos discursos do jornal ponta-grossense Diário dos Campos, no período compreendido entre os anos de 1942 a 1944, e o apelo que eles faziam à sociedade ponta-grossense. No que se refere à metodologia, propõe-se a análise de bibliografia correspondente ao período determinado, em especial sobre a participação dos brasileiros no conflito, além de estudos sobre as características gerais da sociedade local consumidora do jornal.

1 Mestranda em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Graduada em Licenciatura em História pela mesma universidade (UEPG), 2011.

Email: carol.dahne@yahoo.com.br

2 Orientador. Doutor em História pela UFPR. Professor do Depto. de História e do Programa de Mestrado em História da UEPG.

justificadas como lamentáveis necessidades operacionais. Assim o mundo acostumou-se à expulsão e matança compulsórias em escala astronômica, fenômenos tão conhecidos que foi preciso inventar novas palavras para eles: sem Estado (apátrida) ou genocídio. (HOBBSAWM, 1995, p. 57).

Uma das principais características dessa guerra foi o envolvimento dos Estados Totalitários, cujos governos autoritários eram marcados pela exacerbação do nacionalismo. Nesses casos, as ações dos governos e exércitos se justificavam na busca da defesa da política, da cultura e da economia de tais nações contra o inimigo.

Muito se discute sobre a política de neutralidade brasileira nesse período, afinal até o início do ano de 1942 o país não havia se posicionado em apoio a nenhum dos grupos envolvidos e mantinha relações econômicas e políticas com a Alemanha e com os Estados Unidos, países que se situavam em posições opostas no conflito.

Apesar da simpatia do governo brasileiro pelos fascismos europeus – pode-se propor que o Estado Novo, comando por Getúlio Vargas, apresentava características que podiam lembrar os regimes ditatoriais vigentes na Europa, como um governo centralizado e autoritário - o Brasil passou a fazer acordos com os Estados Unidos em troca de algumas vantagens econômicas. Isso acabou abalando e inviabilizando a política de neutralidade.

Em 1940, Vargas cedeu espaço para que os Estados Unidos instalassem uma base de tropas norte-americanas no nordeste brasileiro e passou a fornecer matérias-primas para a indústria bélica, em troca de financiamento à criação da Companhia Siderúrgica Nacional. Com o ataque à base naval de Pearl Harbor, no Pacífico, e a entrada dos Estados Unidos na guerra, após muita pressão o Brasil declarou solidariedade aos norte-americanos.

No período de fevereiro a julho de 1942, navios mercantes brasileiros, encarregados de transportar matérias primas para os Estados

Unidos, foram atingidos por submarinos alemães. Desde então, a população brasileira passou a cobrar do governo um posicionamento em relação ao conflito. Diante disso, em 22 de agosto de 1942, o Brasil declarou guerra oficialmente contra a Alemanha e a Itália.

Para participar da guerra, além do fornecimento de matéria prima utilizada na produção de material bélico, em 13 de agosto de 1943 foi criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB), com a Portaria Ministerial nº 4744, a qual somente em 1944 foi enviada para lutar na Itália, com um total de 25.334 soldados, dos quais 1.542 eram paranaenses.

Embora tenham ocorrido ataques na costa brasileira a navios mercantes, o conflito não voltou a ocorrer efetivamente em território nacional. Cytrynowicz (2000) aponta que para aproximar a imagem distante e remota da guerra foram produzidas pelo governo “sensações de guerra”, como a escassez de determinados produtos e a imposição de uma disciplina, educando a população em relação à guerra juntamente aos ideais do Estado Novo e criando uma iniciativa anti-Eixo.

Nesse sentido, o governo do Estado Novo passou a realizar uma mobilização referente à guerra. Tal empreitada buscava a criação de um *front* interno, o qual deveria ter função pedagógica preparando a população brasileira frente ao conflito.

Com isso, iniciou-se um amplo projeto de construção de uma identidade nacional, diversos autores mencionam como o governo aproveitou tal mobilização para realizar um alinhamento da sociedade brasileira. Marialva Barbosa (2007, p. 105), aponta que no início da década de 1930 começou a surgir a noção de sociedade de massas, a qual definia o indivíduo por sua desorientação. Diante disso, o governo passou a se responsabilizar por orientar esse indivíduo, que segundo essa noção quando unido a um grupo formava uma massa amorfa.

Para que essa mobilização alcançasse

grande parte da população, o governo percebeu na imprensa um ótimo veículo de divulgação de informações. Tanto o rádio como os jornais foram amplamente utilizados para difundir princípios doutrinários e a simbologia do regime do Estado Novo. A partir de então, os jornais passaram a publicar discursos visando à unificação da nação.

É através das publicações da imprensa que ocorre o que Barbosa (2007), chama de “materialização do Estado”, ou seja, é por intermédio desses discursos, disseminados pelos jornais, que se passa a difundir para a população os simbolismos do Estado Novo. Ainda segundo a autora, “o lugar de operacionalização da linguagem e da ideologia estadonovista é a imprensa e os novos meios de comunicação” (BARBOSA, 2007, p. 113).

Através das publicações da imprensa eram divulgadas as datas de um calendário cívico estadonovista, tais como as de cerimônias cívicas, a Semana da Pátria e os desfiles públicos. Também estavam presentes nos discursos da imprensa valores como ordem, disciplina, lealdade, patriotismo e civilidade. Nessas publicações eram criados e disseminados símbolos e mitos referentes ao Estado Novo, como a figura do chefe protetor, nesse caso Getúlio Vargas visto como “pai dos pobres”.

Os rituais diários compostos por práticas cotidianas de dever cívico, como jurar lealdade à bandeira, cantar o Hino Nacional e outros hinos patrióticos (realizados nas escolas e repartições públicas), ou práticas difusas de consumo de informações produzidas pelo Estado sobre si mesmo (como ler os jornais sob censura ou sintonizar a Hora do Brasil) permitiram a naturalização do Estado (e da liderança política que o controlava) como instância mediadora das relações entre o “povo” e a “nação”. (PARADA, 2007, p.43)

Também é nessa busca pela construção da categoria nação que surgem os discursos de um “ideal de brasilidade construído no negativo dos estrangeiros.” (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 93). Para minimizar a presença

de culturas e influências estrangeiras, foram adotadas diversas medidas, como a proibição de publicações em outros idiomas, a retirada de imigrantes do litoral e o seu deslocamento para o interior, buscando-se evitar assim que eles mantivessem comunicação com seus países de origem. Também se procedeu a hostilização e barbarização da imagem dos imigrantes e seus descendentes que, ao não abandonarem seus velhos costumes, passaram a ser percebidos como uma verdadeira ameaça a construção da identidade brasileira.

Os combates da Segunda Guerra Mundial, assim como a mobilização do governo brasileiro na criação da FEB e sua atuação na Itália, foram constantemente divulgados pelos meios de comunicação da época. Tendo em vista a importância da imprensa nesse período, em dezembro de 1939, foi criado por Getúlio Vargas o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão que manteve constante censura e vigilância sobre aquilo que era publicado no país e que também era responsável pela utilização da imprensa como um meio de propagar discursos sobre o regime. Segundo José de Melo Souza (2003), alguns dos principais objetivos do DIP eram:

centralizar, coordenar, orientar e supervisionar a propaganda nacional interna e externa, e servir, permanentemente, como elemento auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas, na parte que interessava a propaganda nacional. (SOUZA, 2003, p. 107)

Segundo Barbosa (2007, p. 122), a participação da imprensa nesse esforço pedagógico podia acontecer por adesão ou coerção. Afinal, muitos dos jornais que não agiram de acordo com as regras sofreram censura e acabaram fechando, já que além da repressão eles sofriam com a negação de publicidade e não faziam parte do sistema de financiamento indireto ao papel importado, sendo que o papel, com o auxílio do governo, tornava-se acessível por um preço muito menor.

Sendo assim, os jornais vendidos no país evidenciavam características semelhantes no que se refere a difundir opiniões de acordo com os preceitos do Estado Novo. Segundo Pereira (2010), os assuntos que ganhavam destaque nos principais jornais de Curitiba, ao longo daquele período, se referiam a temas como a exaltação do nacionalismo brasileiro e o incentivo a descendentes de imigrantes dos países que compunham o Eixo a se integrarem no fortalecimento da nação brasileira.

A imprensa escrita teve um papel de destaque nesse esforço propagandístico. E isso porque, conforme Burke e Briggs (2006), o jornal, desde o século XIX, “contribuiu para a formação de uma consciência nacional, por tratar seus leitores na condição de comunidade, um público nacional.” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 39).

Numa escala regional, Pereira (2010) aponta que:

No estado do Paraná, os periódicos tiveram a responsabilidade de legitimar a ideia de que era necessário construir um país soberano e seguir sem titubear o projeto de nacionalidade, não importando os esforços que fossem necessários para tal fim. (PEREIRA, 2010, p.136-137).

Na cidade de Ponta Grossa interior do Paraná, também podemos observar características de cunho nacionalista nos textos daquele que veio a se consolidar como o principal jornal da cidade e do interior do estado no período.

Na década de 1940 a cidade de Ponta Grossa era considerada a principal cidade do interior paranaense. Segundo Niltonci Chaves (2001), da sua população de 38.417 mil habitantes, 6,68% do total era composta de imigrantes, vindos principalmente da Alemanha, Itália, Polônia, Rússia, entre outros países.

Entre a população ponta-grossense podiam ser encontrados representantes de projetos e concepções antagônicas, como católicos, espíritas, protestantes, maçons, comunistas, integralistas, entre outros, todos compar-

tilhando de um mesmo espaço geográfico. (CHAVES, 2001, p. 151)

Na primeira década do século XX foram fundados vários jornais na cidade. A maioria deles não conseguiu se manter ativa por muito tempo. Aquele que se tornou o principal órgão da imprensa de Ponta Grossa foi lançado com o nome de *O Progresso* em 1907, sendo que posteriormente, a partir de 1913, passou a denominar-se *Diário dos Campos*.

Renée Zicman (1985) ao tecer considerações sobre a utilização da imprensa pela história realiza um breve resumo da imprensa no Brasil, no qual aponta que até a década de 1950 a imprensa brasileira se caracteriza por tomar uma posição política, o que ela chama de “Imprensa de Opinião”. Essas particularidades também são encontradas no jornal *Diário dos Campos*:

O *Diário dos Campos* entrou numa fase sob o comando de Juca Hoffmann. O estilo romântico (embora não ingênuo), o engajamento literário e a forma desorganizada de produção da notícia que caracterizaram o noticiário local até o fim da década de 20, foram substituídos por um jornalismo mais comprometido com os fatos cotidianos, interpretado por linguagem direta, ágil, realista, embora também marcadamente polêmica e influenciada pela opinião do proprietário. (BUCHOLDZ, 2007, p. 81).

Em diversas matérias publicadas pelo *Diário dos Campos* no período da Segunda Guerra Mundial, são apontados os esforços do jornal na divulgação para o público leitor de temas derivados dos deveres patrióticos dos cidadãos brasileiros conscientes, o que demonstra a questão do posicionamento do corpo editorial. Como é o caso dos dois trechos transcritos abaixo:

A propósito da cooperação do DIÁRIO DOS CAMPOS às nossas autoridades militares, tocantemente aos trabalhos relacionados com a convocação dos reservistas brasileiros, para completar o efetivo-tipo das unidades do glorioso exercito nacional, tivemos a grata satisfação de receber do ilustre coronel Marius Teixeira Neto, o ofício que abaixo

transcrevemos e que representa para nós um valioso estímulo para que continuemos a trabalhar, sem desfalecimento, em favor do esforço de guerra do Brasil, sem esperar outra recompensa senão a satisfação íntima de dever cumprido. (*Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 11 de novembro de 1942).

O primeiro texto, intitulado “A convocação dos reservistas e a colaboração do *Diário dos Campos*”, datado de novembro de 1942, tratava da colaboração do jornal com os esforços de guerra. Já o segundo, sob o título “Assim falam os brasileiros conscientes”, datado de outubro de 1942, tratava daqueles que eram então elencados como constituindo os deveres patrióticos do jornal.

DIÁRIO DOS CAMPOS vem desenvolvendo esforços desmedidos no sentido de que o espírito agressivo de que hemos mister nesta hora não seja desertado de nosso meio. Não no fazemos levados por mero desejo fantasioso e extravagante. Fazemô-le, ao contrario, para cumprir um dever patriótico, porque, é preciso que se diga, há por ai muita gente de alto coturno que se esquia de objurgar, alto e bom som, sem rodeios e sem rebuços, aos nefandos inimigos do Brasil. Há muita gente que se diz patriota, que está pronta a morrer pelo Brasil, mas que exime de manifestar uma execração profunda a Alemanha e a Itália, aos alemães e aos italianos que nos vieram agredir, aos bárbaros que com a friesa que só os réprobos sabem guardar, vieram matar aos nossos irmãos! (*Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 13 de outubro de 1942).

Nesses trechos, assim como em demais publicações do jornal, é possível perceber características referentes a questão do discurso visando a mobilização da sociedade ponta-grossense no que se refere ao patriotismo. Roney CYTRYNOWICZ (2000, p. 180) observa a utilização de termos utilizados no plural que objetivam abranger toda a população, o que ele chama de construção do “eu” da nação.

Também podemos observar nos trechos transcritos acima, o ser patriota concomitantemente relacionado com a barbarização do inimigo, o *Diário dos Campos* passa a utilizar

uma abordagem buscando uma atitude ofensiva, na qual ou se é realmente patriota ou se é traidor, não existe meio termo. Algumas publicações passam então a incentivam aos imigrantes e seus descendentes a manifestarem rejeição aos seus países e culturas de origem em prol do fortalecimento da nação a qual eles escolheram pertencer. Aqueles alemães, italianos, descendentes e simpatizantes que não o fazem, ficam a partir de então sob suspeita e passam a ser vigiados pelos cidadãos exemplares da cidade.

Entendendo que, segundo Chaves, em Ponta Grossa “coube importante papel à imprensa escrita em relação à fixação de representações aceitas pela sociedade em geral.” (CHAVES, 2001, p.33). O presente projeto propõe a análise do jornal *Diário dos Campos* no período entre 1939 e 1945, buscando elementos que evidenciem questões de cunho nacionalista, especialmente o dever do cidadão ponta-grossense no período em que o Brasil participou da 2ª Guerra Mundial.

OBJETIVOS

Objetivos Gerais:

Analisar historicamente o discurso dos textos produzidos pelo jornal *Diário dos Campos* que abordavam os temas referentes à relação entre o Brasil e a 2ª Guerra Mundial no período compreendido entre os anos de 1942 e 1944, em especial o “apelo” que faziam à sociedade ponta-grossense no sentido da adoção de determinadas atitudes e comportamentos cívicos.

Objetivos Específicos:

- Analisar a bibliografia sobre o contexto histórico do período na região do Paraná;
- Compreender como os reflexos dos acontecimentos globais são representados nos tex-

tos dos jornais dedicados à sociedade local;

- Identificar as principais temáticas dos editoriais e primeiras páginas do jornal *Diário dos Campos* nos anos de 1942 e 1944;

METODOLOGIA

O presente projeto de pesquisa busca entender de que maneira as publicações do jornal *Diário dos Campos* no período de 1942 e 1944 abordaram temas referentes à 2ª Guerra Mundial. Sendo assim, o principal material de análise (fontes) dessa pesquisa são os jornais publicados pela imprensa ponta-grossense no período delimitado. Entende-se que

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (CAPELATO; PRADO 1980, *apud* LUCA, 2005, p. 118).

Durante o século XIX e início do XX, os historiadores estavam envolvidos com a constituição de uma matriz disciplinar, pensando a história como um saber autônomo, nesse período ocorreu um processo de cientificização, o qual levou a criação da noção de uma ciência histórica. Com isso, a historiografia buscou se aproximar de um método científico, no qual os acontecimentos e a documentação oficial tinham papel central na análise.

Esse modo de conceber a história, baseado em uma concepção positivista de ciência, passou a ser questionado principalmente no primeiro terço do século XX com uma série de mudanças desencadeadas pela Escola dos *Annales*, que ao refletir sobre a prática historiográfica e dialogando com uma perspectiva interdisciplinar ampliou, as possibilidades dos historiadores trabalharem com novos temas,

fontes e novas metodologias.

Mesmo com essa abertura para novos objetos de análise, não foi imediato o reconhecimento e a utilização do jornal como fonte, por volta da década de 1970 o estudo da história através da imprensa ainda permanecia com um reduzido número de trabalhos. Nesse período havia uma clara distinção entre a história da imprensa, cuja importância era reconhecida, e a história por meio da imprensa, que permanecia a margem dos estudos.

Segundo Tânia Regina Luca (2005), isso se devia a certa dificuldade em desprezar uma tradição da busca pela verdade, vigente no século XIX e início do XX, a qual defendia um historiador imparcial que se debruçaria sob documentos oficiais, caracterizados pela objetividade e neutralidade, em contraponto ao jornal que durante muito tempo foi considerado um registro de pouca credibilidade.

A mesma autora afirma que foi nas décadas finais do século XX, com as transformações metodológicas das pesquisas históricas e com o fortalecimento da História Cultural que trabalhos utilizando a imprensa como fonte passaram a surgir mais significativamente, ainda que com algumas ressalvas.

A História Cultural, que se estabelece como campo de pesquisa nas últimas décadas do século XX, contribuiu na incorporação de novas noções e conceitos, ampliando as possibilidades de entendimento das dimensões culturais. Relacionando essas novas noções com a expansão de objetos de pesquisa, que vinham se definindo anteriormente, abre-se espaço para diversos tipos de análises.

Utilizando a imprensa como objeto de seu estudo, Carmencita de Holleben Mello Ditzel (2007), aponta que nos últimos anos vem aumentando o número de trabalhos nessa perspectiva, segundo ela, “A riqueza desse material em informações e a adoção de novas abordagens históricas derrubaram os preconceitos contra a tendenciosidade e a falta de objetividade do texto jornalístico.” (DITZEL,

2004, p. 17).

Ao fazer a apresentação de seu livro, Ana Paula Goulart Ribeiro e Lucia Maria Alves Ferreira (2007), abordam a relação entre mídia e memória, bem como a importância do estudo do discurso jornalístico pela história.

Os meios de comunicação desempenham, nas sociedades contemporâneas, um papel crucial na produção de uma ideia de história e de memória. Ao mediar a relação dos sujeitos com as transformações do seu cotidiano, produzem no âmbito do senso comum sentidos para os processos históricos nos quais esses sujeitos estão inseridos, da mesma forma que participam da constituição das próprias subjetividades. Além disso, a mídia – sobretudo a jornalística – aponta, entre todos os fatos da atualidade, aqueles que devem ser memoráveis no futuro, reinvestindo-os de relevância histórica. Constitui-se, assim, em um verdadeiro “lugar de memória” da contemporaneidade. (RIBEIRO; FERREIRA, 2007, p. 7).

Entendendo que “Intenções imediatas, estratégias e táticas dos comunicadores precisam estar sempre relacionadas ao contexto no qual operam, assim como as mensagens que transmitem.” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 15), esta pesquisa se iniciará com a utilização da bibliografia para analisar e contextualizar o período selecionado, bem como as principais características da cidade de Ponta Grossa e da sociedade ponta-grossense consumidora do jornal. Trata-se, como dizem Vainfas e Cardoso,

De relacionar texto e contexto: buscar os nexos entre as idéias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos. Em uma palavra, o historiador deve sempre, sem negligenciar a forma do discurso, relacioná-lo ao social. (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 378).

Outro ponto a se considerar na análise de jornais é a importância de se historicizar a fonte; ou seja, além de observar as características textuais, também devemos dar atenção a aspectos como a produção e distribuição desses discursos.

Seguindo essa noção de historicização da fonte, precisamos, ainda, observar questões referentes às técnicas de estruturação do jornal, o espaço que uma notícia ocupa versus sua relevância, as divisões de conteúdos, os elementos gráficos, entre outros. Entendendo que “historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê.” (LUCA, 2005, p. 132)

Chartier (1991), ao escrever sobre o mundo do texto e o mundo do leitor, faz considerações sobre a construção do sentido, levando em consideração os procedimentos de interpretação, como as formas tipográficas do texto e o modo de leitura. Nesse sentido, “é preciso considerar que as formas produzem sentido, e que um texto estável na sua literalidade investe-se de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os dispositivos do objeto tipográfico que o propõe à leitura.” (CHARTIER, 1991, p. 178)

Compreendemos que “O pressuposto essencial das metodologias propostas para a análise de textos em pesquisa histórica é o de que um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente.” (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 377)

Levando em consideração que um dos objetivos dessa proposta dessa pesquisa é apontar as colunas que se referiam aos deveres patrióticos dos cidadãos ponta-grossenses no jornal selecionado, buscamos entender qual a relação entre esses textos com o sentimento de pertencimento a uma identidade nacional. Para isso, partimos dos apontamentos de Stuart Hall (1992) ao analisar a identidade cultural na pós-modernidade, principalmente no que se refere a questões sobre culturas e identidades nacionais.

A questão nacionalista, bastante presente na imprensa do período, também é encontrada nas publicações do jornal *Diário dos Campos*

durante a participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial. Isso acontece, principalmente, nos textos que fazem referências aos deveres dos cidadãos ponta-grossenses com a nação brasileira, um exemplo disso é a matéria transcrita abaixo, “Um apelo do Diário dos Campos à Capital Cívica do Paraná”, publicada em agosto de 1942:

DIÁRIO DOS CAMPOS concita a todos os bons brasileiros de P. Grossa ou de outras plagas que como leais servidores da Pátria, substituíam as saudações costumeiras de ‘bom dia’, ‘boa tarde’ ou ‘boa noite’, por esta outra, mais expressiva, mais grandiosa, mais patriótica, mais eloquente, de maior amplitude votiva que revela o anelo de felicidade de cada brasileiro nesta hora: SALVE, BRASIL!

BRASILEIRO! Nesta hora conturbada e de tanta agonia no mundo, lembremo-nos antes da Pátria e depois de nós. Desejemos acima de tudo, acima de nossa própria felicidade pessoal, a salvação e a glória do Brasil.

SALVE, BRASIL! (*Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 25 de agosto de 1942).

Esses textos muitas vezes se utilizavam da evocação do sentimento de pertencimento a uma identidade nacional. Segundo Hall (1992), “as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” (HALL, 1992, p. 47); ou seja, embora o indivíduo seja autônomo, ele se identifica como pertencente a uma sociedade, o que gera a noção de que essa característica faz parte de sua “natureza” essencial.

Na transcrição abaixo “Daí não há de fugir”, publicada pelo Diário dos Campos em agosto de 1942, é possível perceber essa evocação de sentimentos e deveres para com o país e com a nação brasileira:

O Brasil, agredido da maneira mais revoltante, abandonou o luto da dor para assumir a luta do sacrifício. Era o único caminho a seguir, entre a vergonha e a honra.

A todos os brasileiros cabe, nesta hora grave para a Pátria, um dever imperioso, sem restrições sem tergiversações: estar incondicionalmente com o Brasil, dispostos a tudo sacrificar pelo Brasil.

Não há e nem pode haver evasivas ou tibiezas nessa atitude.

E não é suficiente estar com o Brasil: é preciso que se esteja também contra os inimigos do Brasil- a Alemanha e a Itália. [...]

Daí não há fugir: o brasileiro que não estiver, de corpo e alma, contra a Itália e a Alemanha que não marcar com a mais solene abominação os dois países que ultrajaram a nossa dignidade e atiraram contra nós os cadáveres de nossos próprios irmãos esse não é sinão um traidor. (*Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 27 de agosto de 1942).

Para entender o apelo que esses textos faziam à sociedade ponta-grossense, é necessário perceber que o nacionalismo em voga no período evocava um sentimento de lealdade. Hall aponta que “uma cultura nacional é um *discurso* = um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.” (HALL, 1992, p. 50)

Durante a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, a imprensa e outros meios de comunicação de todo o país divulgaram diversas notícias a respeito de desfiles do exército, visitas de autoridades militares às cidades da região, eventos e festividades relacionadas a atividades cívicas, como a Semana da Pátria, e também publicaram muitos textos com a presença de elementos simbólicos que remetiam a essa noção de civilidade e nacionalismo, como frases do hino nacional.

A extensão simbólica desse complexo cerimonial estava relacionada ao que podemos chamar de *ações narrativas periféricas*. Estas ocorreram em dois lugares sociais distintos, nos quais o efeito de sentido produzido foi o de um “alargamento” do tempo e do espaço comemorativo cívico: primeiro, podemos citar as cerimônias realizadas em outras capitais ou cidades, no interior das escolas públicas e particulares, bem como as produzidas por associações e entidades privadas; e, em segundo, as narrativas produzidas e reproduzidas pelos meios de comunicação de massa como o rádio, o cinema e a imprensa. (PARADA, 2007, p. 45)

No Diário dos Campos, temas como desfiles militares também são destacados, como na matéria transcrita abaixo, a qual foi publica-

da um dia antes do desfile de sete de setembro de 1942, e que evidencia o teor patriótico divulgado pelo jornal:

CONVITE AO POVO PONTA-GROSSENSE

Todo o povo ponta-grossense é convidado a tomar parte no grandioso desfile de amanhã, como manifestação do espírito de brasilidade que paira hoje sobre toda a nação brasileira. Aqueles que não formarem nos grupamentos e se postarem nas calçadas das ruas por onde passar o desfile, devem aplaudir, com o maior entusiasmo, os participantes pois estes estarão ali simbolizando a resposta viril da Nação aos seus covardes agressores. O que não se conceberá, em suma, é que o brasileiro digno desse nome, deixe de uma forma ou de outra de concorrer para o brilhantismo do desfile de amanhã. (*Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 06 de setembro de 1942).

Um dos nossos objetivos específicos é compreender como os reflexos dos acontecimentos globais são representados nos textos dedicados à sociedade local, ou seja, o *Diário dos Campos* publicou discursos vigentes nacionalmente, o que nos interessa é perceber como essa produção discursiva local reafirma tais discursos da lógica nacional numa perspectiva direcionada a população ponta-grossense.

Cabe aqui mencionar que a cidade de Ponta Grossa no período era representada, tanto nas publicações como nos discursos políticos, como uma “cidade civilizada” e como a “Capital Cívica do Paraná”, tais expressões aparecem constantemente nos textos selecionados para análise.

Chaves (2001) aponta que tais discursos buscavam reforçar a ideia de Ponta Grossa como uma cidade exemplar nos moldes do Movimento Paranista, a qual é retrata como urbanizada, progressista, ordeira, com vida cultural intensa, e que, principalmente, fornecia apoio incondicional a autoridades do governo, como Manoel Ribas e Getúlio Vargas.

A expressão Capital Cívica do Paraná que aparece em diversas publicações do

jornal no período é atribuída às manifestações de apoio e festejos da população da cidade quando Getúlio Vargas, que estava em estadia em Ponta Grossa, recebeu a notícia da resolução que o colocava na presidência da República.

Diante do acima exposto, e após a contextualização do material selecionado através da análise bibliográfica, utilizaremos uma técnica desenvolvida junto a alunos de graduação que é exposta no livro *A pesquisa em História*, no qual as autoras VIEIRA, PEIXOTO e KHOURY (1991), pretendem “desmontar o discurso” para entender as representações do real e os projetos que o jornal analisado realiza.

Para tanto, foram criadas fichas que procuram identificar quais as representações que o jornal faz do real, os caminhos para alcançá-los e o projeto de sociedade que o discurso apresenta. Nessas fichas também são apontados os destinatários, procura-se determinar os sujeitos presentes no discurso jornalístico, ou seja, quem fala? Para quem fala? Como fala? De quem fala? Por quem fala? As autoras também apontam a necessidade de se atentar ao uso de adjetivos generalizantes e a palavras-chave que buscam criar noções ou generalizações, se utilizando também de associações ou oposições de ideias.

Tal técnica pode contribuir para essa pesquisa no sentido de organização do material selecionado, identificando as principais características do discurso das publicações selecionadas. Essas propostas metodológicas, que podem vir a ser combinadas com outras técnicas e métodos sobre a análise de jornais e de textos, como, por exemplo, a análise do discurso, irão contribuir para a análise dos discursos presentes nos textos do *Diário dos Campos* no período da 2ª Guerra Mundial.

FONTES

O material a ser empregado na análise é composto principalmente pelo jornal *Diário dos Campos* no período de janeiro até dezembro de 1942 e de janeiro até dezembro de 1944. Esses jornais se encontram disponíveis no acervo do Museu Campos Gerais, em Ponta Grossa, e já foram obtidas fotografias digitalizadas do jornal de todo o período selecionado.

Segundo análise prévia das publicações selecionadas para análise, nos anos de 1942 e 1944 os discursos do jornal tem um direcionamento mais específico ao tema do projeto de pesquisa, pois instigam o leitor a tomar uma atitude e demonstram o posicionamento do jornal frente a dois eventos em especial que se sucederam nesses anos.

Sendo em 1942 o processo de envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, as publicações nesse período passam a ter uma dinâmica local de um fenômeno global, começam a surgir então discursos nacionalistas/patrióticos iniciando a mobilização da população ponta-grossense e do interior do estado no alinhamento em prol da pátria. Quando nesse ano é reconhecido o estado de beligerância, as publicações passam a ter um tom de investida contra o inimigo, ou seja, passam a demonstrar que não basta apenas estar com a pátria é preciso se mostrar contra os traidores.

No ano de 1944, as publicações giram em torno do envio de soldados da FEB (Força Expedicionária Brasileira) à Itália, cria-se uma coluna dedicada a divulgar os esforços do jornal para glorificar o soldado brasileiro, a coluna chamada “a entrega da bandeira nacional ao 13º RI” demonstra a mobilização do *Diário dos Campos* e da população em organizar um evento para entregar um dos símbolos mais importantes do Estado Novo, a bandeira nacional, demonstrando o civismo da cidade de Ponta Grossa.

Também no ano de 1944 são publicados dois textos derivados de uma divergência entre o *Diário dos Campos* e o jornal *Diário da Tarde de Curitiba*, ocasionada pela publicação feita pelo segundo jornal, na qual segundo os editores do *Diário dos Campos* afronta a população ponta-grossense colocando em dúvida o seu patriotismo. Tais textos ocupam espaço considerável na primeira página em dois dias no jornal, sendo eles 5 e 6 de fevereiro de 1944, e se destinam a defender a reputação de Ponta Grossa como Capital Cívica do estado do Paraná.

Cabe salientar que no período de 1939 até 1945 (selecionado anteriormente como o objeto da pesquisa) foram realizadas várias publicações de discursos que se enquadram no objeto de análise da pesquisa. No entanto, a preferência pelos anos de 1942 e 1944 se deve à quantidade de possibilidades derivadas desses momentos em específico, já que a entonação das publicações desses anos em especial estava muito mais relacionada a um apelo a sociedade ponta-grossense e também devido a quantidade de material selecionado ser superior ao tempo disponível para a análise.

Também serão utilizados dados e bibliografias sobre a população da cidade no período. A possibilidade de utilização de demais materiais serão oportunamente decididos durante a realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS:

Fontes

“O exemplo de Ponta Grossa”. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 03 de setembro de 1942.

“A convocação dos reservistas e a colaboração do *Diário dos Campos*”. *Diário dos*

Campos. Ponta Grossa, 11 de novembro de 1942.

“Assim falam os brasileiros conscientes”. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 13 de outubro de 1942.

“Um apelo do Diário dos Campos à Capital Cívica do Paraná”. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 25 de agosto de 1942.

“Daí não há de fugir”. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 27 de agosto de 1942.

“Convite ao povo pontagrossense”. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 06 de setembro de 1942.

Bibliografia:

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900/2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BUCHOLDZ, Alessandra Perrinchelli. *Diário dos Campos: Memórias de um jornal centenário*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

CHAVES, Niltonci Batista. *A Cidade Civilizada: discursos e representações sociais no jornal Diário dos Campos*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2001.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos Avançados, Abr. 1991,

vol.5, n.11, p. 173-191.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Geração Editorial/ Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

DITZEL, Carmencita de Holleben Mello. *Manifestações autoritárias: o Integralismo nos Campos Gerais (1932-1955)*. Tese (Doutorado em História)- Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

PARADA, Maurício. A ordem da memória: a imprensa e o imaginário político do Estado Novo. In: RIBEIRO, Ana Paula Goular; FERREIRA, Lucia Maria Alves (Orgs.). *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 35-56.

PEREIRA, Márcio José. *Politizando o cotidiano: Repressão aos alemães em Curitiba durante a Segunda Guerra Mundial*. Dissertação (Mestrado em História)_ Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

_____. Manifestações populares contra imigrantes “eixistas” durante a 2ª Guer-

ra Mundial no Paraná. *Anais do IV Congresso Internacional de História*, Maringá-PR, setembro de 2009.

RIBEIRO, Ana Paula G.; FERREIRA, Lucia Maria Alves (Orgs.). *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

SOUZA, José Inácio de Melo. *O estado contra os meios de comunicação (1889- 1945)*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.